

RESENHA

RESENHA

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Cunha Grossi

Caro leitor da Revista Olhares e Trilhas, a sugestão de leitura que apresento é o livro Lições de casa, exercícios de imaginação, cujos autores se encaixam numa linhagem de nobreza na produção literária brasileira: Affonso Romano de Sant’Anna, Antônio Callado, Ferreira Gullar, José J. Veiga, Julieta de Godoy Ladeira, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti, Osman Lins, Ricardo Ramos. O livro foi editado pela Livraria Cultura Editora, sem registro de data.

A ideia de edição do livro Lições de Casa, exercícios de imaginação, tem sua história contada por Julieta de Godoy Ladeira, no prefácio. Tal ideia, resumidamente, surgiu de recordações de cenas da infância em escolas, dentre elas, dos quadros colocados em cavaletes, nas salas de aula, que os professores dispunham para que seus alunos fizessem uma composição, redigissem textos sobre essas imagens. Eram lições de escola e de casa. Eram exercícios de imaginação praticados por esses alunos/autores nesse livro, em cujas imagens digressionavam, passeavam, criavam suas impressões.

Vale a pena destacar o texto de Marina Colasanti no quadro denominado Canis Familiaris. Nele vemos uma menina e um menino em um jardim, num vasto campo, brincando com um cachorrinho e ordenando-o que ficasse erguido, sentado nas patas de trás. Nesse quadro, Marina conta a história de inúmeras aulas que eram dadas a um cachorro que as crianças levaram para casa e acabou sendo adotado pela mãe que julgava ser o bichinho uma boa distração para as crianças. Em linguagem clara, lúdica, a autora descreve os procedimentos pedagógicos e didáticos adotados pelas crianças para educar o cachorrinho. Das mais simples tarefas, como higiene, lugar onde dormir, onde fazer as necessidades físicas, até os ensinamentos mais complexos como ensinar a ler. E poeticamente comenta a narradora: “No fundo do quintal, onde a mangueira ergue pátios de sombra e ninguém interrompe, senta-se o aluno predisposto à obediência”

As crianças preparam uma série de ensinamentos de língua para o cachorrinho. A história desenvolve-se de forma muito criativa, considerando o nível de aprendizado do cãozinho, é claro. Com estilo fiel à paciência, à simplicidade, a autora explora a criatividade própria da imaginação infantil que acredita e aposta que o cachorro é esperto, só falta falar.

Também vale a pena destacar o texto de Affonso Romano de Sant’Anna, um texto sarcástico, crítico e indagativo, escrito a partir das imagens de um quadro, aparentemente aclimatado em espaço rural. As imagens mostram uma menina que alimenta um burrico, dando-lhe de comer uma rama de cenoura. Aos pés do burrico, cisca uma galinha e seus pintinhos. Ao fundo, uma casinha em meio quadrante, a paisagem dos grandes quintais com bananeiras, cercas de bambu e muita árvore. Affonso Romano intitula esta poesia em prosa: “O Burro, o Menino e o Estado Novo”. E assim, inicia um lançar farpas contra a ditadura militar que condena a imaginação e instiga a demência, contra o sistema educacional brasileiro, contra a metodologia do ensino das escolas que insiste na cartilha, que persiste em ver a poesia onde ela não está e nem existe, como quando se quer tirar leite de pedras. Affonso Romano gera sua prosa dura e, em tom severo, cutuca com vara curta a realidade nacional brasileira, a situação educacional, política, econômica e cultural naquele contexto repressor, que escondia a verdade e jazia os desejos criativos. E poetiza o autor:

A professora notará?

- E se eu disser que uma girafa
Está comendo os nossos sonhos
E um gafanhoto perverso
Censurou-me o verde e a sombra?

A professora enxergará?

- E se eu disser que o hipopótamo do medo
Afogou-me em desespero
E um gorila insaciável
Comeu-me a alma e a bandeira?

A bela e pungente prosa de Affonso Romano expele seus versos afíitos e vivos, do tempo dos ditadores, como se expurgam espinhas da pele contaminada dos tempos escuros. Tempo de Getúlio, também de Prestes, de Plínio, Jeca Tatu e Lampião. De maneira muito visceral, bela, com extrema fidelidade, intimidade e um sentimento de verdade singular, o poeta revela a árdua e, ao mesmo tempo, delicada tarefa do menino que, naquele tempo, escrevia sua composição e a do escritor que ainda hoje remói suas angústias, as mesmas angústias. Affonso Romano conclui assim sua poética com um recado explícito ao leitor:

Sobre a carteira

Um texto infantil sai do punho cerrado do menino

Faz-se rascunho de uma escrita futura

Sem que o adulto o possa jamais passar a limpo

Terminará meu tempo

Mas esta composição, estou certo,

Não terminará nunca

Com certeza – caro leitor da Revista Olhares e Trilhas - o livro Lições de casa: exercícios de imaginação apresenta interessantes textos. E o que dentro de nós despertariam essas imagens? Deixamos a descoberto, mas acabamos descobrindo.

